UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS DO SERTÃO

CURSO DE LETRAS

LESLEY CARLA SILVA DOS SANTOS

# VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUISTICO: UMA ANÁLISE DE TIRINHAS DO CHICO BENTO

Delmiro Gouveia - AL

2023

LESLEY CARLA SILVA DOS SANTOS

# VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUISTICO: UMA ANÁLISE DE TIRINHAS DO CHICO BENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras, sob orientação da Prof. Dr. Fábia Pereira da Silva.

Delmiro Gouveia - AL

2023

**Catalogação na fonte**
**Universidade Federal de Alagoas**
**Biblioteca do Campus Sertão**
**Sede Delmiro Gouveia**
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237v Santos, Lesley Carla Silva dos

Variação e preconceito linguístico: uma análise de tirinhas do Chico Bento / Lesley Carla Silva dos Santos. – 2023.
30 f. : il.

Orientação: Fábia Pereira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Preconceito linguístico. 4. Chico Bento – Personagem. 5. Tirinhas. I. Silva, Fábia Pereira da. II. Título.

CDU: 81’27

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

LESLEY CARLA SILVA DOS SANTOS

**Variação e preconceito linguístico: Uma análise de tirinhas do Chico Bento**

Monografia submetida à banca examinadora do curso de Letras, Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL Campus Sertão, como requisito final para a obtenção de título de licenciada em letras, Língua Portuguesa.

Aprovada em: 30 / 05 / 2023

gov.br Documento assinado digitalmente
FABIA PEREIRA DA SILVA
Data: 20/06/2023 22:10:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Fábia Pereira da Silva (UFAL)
Orientadora

**Banca examinadora:**

gov.br Documento assinado digitalmente
DEBORA RAQUEL HETTWER MASSMANN
Data: 20/06/2023 17:56:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massamann (UFAL)
Examinadora Interna

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 01/06/2023 14:47:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Márcio Ferreira da Silva (UFAL)
Examinador Interno (UFAL)

A Deus, aos meus pais, Lucielma e José Carlos, aos meus amigos de jornada, com amor, dedico.

## AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter me dado forças para continuar o curso até a conclusão.
Aos meus pais Lucielma e José Carlos, por sempre me apoiarem.
Ao meu companheiro de vida Lucivan, que sempre me apoiou e me incentivou a concluir o curso.
À minha orientadora Fábia, pela dedicação, incentivo e apoio para realização deste trabalho.
Aos meus amigos de graduação Larissa, Maysa, Thiago e Waléira. Foram pessoas fundamentais ao longo do curso, minha imensa gratidão pelas conversas, conselhos e por todos os momentos que passamos juntos.
Aos meus demais colegas que fizeram parte da minha graduação.
A todos os profissionais docentes que fizeram parte dessa trajetória.
A todos meu muito obrigada!

*‘’ A dúvida é o princípio da sabedoria’’*

*Aristóteles*

## RESUMO

O presente trabalho buscou analisar as variantes usadas nas tirinhas do personagem Chico Bento, trabalhando o preconceito linguístico existente em torno das variantes, sendo as principais o falar caipira. Para tanto, foram utilizadas algumas tirinhas que estão disponíveis na internet, que trazem a perspectiva do personagem Chico Bento como o caipira do imaginário nacional, que tem uma forma de falar váriavel. Diante do nosso objeto de estudo tomamos como aporte teórico alguns autores como: Amaral (2020) Antunes (2007), Bagno (1999), Fiorin (2008), Saussure (1916), Labov (2008), Mollica & Braga (2008). A pesquisa de cunho bibliográfico buscou analisar as tirinhas do Chico Bento, consistindo como foco principal deste trabalho.



**Palavras-Chave:** Sociolinguística; variação; preconceito linguístico.

**ABSTRACT**

The present work sought to analyze the variants used in the comic strips of the character Chico Bento, working with the existing linguistic prejudice around the variants, the main one being the caipira speech. For that, some strips that are available on the internet were used, which bring the perspective of the character Chico Bento as the caipira of the national imagination, who has a variable way of speaking. In view of our object of study, we take as a theoretical contribution some authors such as: Amaral (2020) Antunes (2007), Bagno (1999), Fiorin (2008), Saussure (1916), Labov (2008), Mollica & Braga (2008). The bibliographical research sought to analyze Chico Bento's comic strips, consisting of the main focus of this work.

**Keywords:** Sociolinguistics; variation; linguistic prejudice.

**ABSTRAC**

1. **INTRODUÇÃO** ..... 11
2. **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA** ..... 13
2.1 Variação diacrônica ..... 16
2.1.2 Variação diatópica ..... 16
2.1.3 Variação diastrática ..... 16
2.1.4 Variação diamésica ..... 17
2.1.5 Variação diafásica ..... 17
2.2 A comunidade de Fala ..... 17
2.3 A representação do caipira ..... 18
3. **PRECONCEITO LINGUISTICO** ..... 20
4. **A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUISTICO NAS TIRINHAS DO CHICO BENTO** ..... 21
**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... **29**

## 1. INTRODUÇÃO

A linguística é ciência responsável pelo estudo da linguagem humana, ou seja, das línguas. Foi sistematizada pelo linguista Ferdinand de Saussure no ano de 1916, em sua obra intitulada de Curso de Linguística Geral, considerando a linguística como uma ciência que tem seu próprio objeto de estudo, a língua. Sabemos que a língua está sempre em constante mudança e transformação, portanto não é possível defini-la como algo estático. A língua portuguesa chegou ao Brasil por volta do ano 1500, se a língua fosse fixa até os dias de hoje estaríamos fazendo uso da mesma, porém sua transformação é notória, principalmente pelos fatores sociais, grau de escolaridade, idade, sexo e região.

Dessa forma vários linguistas nos mostram a importância de entendermos as diversidades da nossa língua e não a julgar como ‘’certa’’ ou ‘’errada’’. Portanto a linguística não é comparada à gramática, pois a mesma descreve os padrões sonoros, gramaticais e lexicais, diferente da gramática tradicional.

A Língua Portuguesa é composta de muitas variedades, e não apenas de uma, portanto os padrões da escrita não são os mesmos padrões de uso oral, ainda que haja situações de fala orientadas pela escrita. O preconceito linguístico faz parte da realidade da sociedade brasileira, refletindo nos primeiros anos da escola, onde o indivíduo está iniciando seu aprendizado e adquirindo conhecimentos, um exemplo disso são os quadrinhos que as crianças costumam ler e por muitas vezes acham engraçado o jeito ‘’errado’’ na fala dos personagens.

É notório que há um preconceito linguístico entre os falantes e que esse preconceito favorece a língua padrão, pois a língua padrão é denominada como correta, como se a norma culta fosse superior às variações, sendo que a norma padrão também é uma das variações linguísticas. No ambiente escolar se faz necessário socializar os indivíduos e ensinar a língua portuguesa e suas variações linguísticas e regionais e não apenas priorizar a norma padrão, considerando apenas como única. Pois as línguas mudam de acordo com a região, e algumas sofrem preconceito por fatos sociais, que são julgadas como classes desfavorecidas, a margem da sociedade e que não dominam a norma culta e por isso falam ‘’errado’’.

Bagno (1999) relata que, é preciso analisar a nossa realidade sociolinguística sob três focos: o da norma-padrão, conjunto das variedades prestigiadas e o conjunto das variedades

estigmatizadas. Isto é são as falas da população, de todas as áreas, tanto das de maior prestigio social, quanto os que estão à margem da sociedade e que não tem acesso á educação.

Entretanto, os falantes precisam ter noção que a norma-padrão é apenas uma das variedades da língua, portanto usamos a língua de diferentes formas de acordo com cada contexto de modo padrão ou variável.

Este presente trabalho tem como objetivo falar sobre as variedades linguísticas existentes no país e buscar valoriza-las, trabalhando as variações e o preconceito linguístico tratados em livros e em tirinhas do personagem Chico Bento. Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram utilizados os aportes teóricos de: Amaral (2020) Antunes (2007), Bagno (1999), Chomsky (1950), Fiorin (2008), Saussure (1916), Labov (2008), Mollica & Braga (2008).

Como aporte teórico, o estudo segue a proposta de Willian Labov, na qual é considerado o mais importante nos estudos da teoria da variação linguística, onde seus estudos começaram em 1960, considerando a língua como um sistema variável. Sendo que o presente trabalho está relacionado à outros linguísticos.

A metodologia é qualitativa e de cunho bibliográfico e desse modo, a pesquisa realizada consiste em analisar livros, textos, artigos e tirinhas que circulam na sociedade, principalmente as tirinhas de gibi, nas quais foram retiradas da internet. É uma pesquisa direcionada para educação em especifico para as series de ensino fundamental II e ensino médio, tendo em vista que é de suma importância ter um conhecimento acerca da variação linguística da língua portuguesa do Brasil.

Para que o objetivo da pesquisa seja saciado, organizaremos esse trabalho em quatro capítulos, tendo como primeiro capítulo a introdução, no qual discorreremos sobre o desenvolvimento da pesquisa.

No segundo capítulo apresentamos a variação linguística, que será dividida em partes trazendo contribuições de Ferdinand de Saussure e entrelaçando na variação e preconceito linguístico abordado por Marcos Bagno.

No terceiro capítulo trabalhamos o preconceito linguístico, como é, como ocorre. E a partir da teoria, buscamos analisar as tirinhas de gibis. Para tanto a construção do corpus foi realizada por etapas que visaram introduzir e explicar o preconceito e a variação linguística.

No quarto e último capítulo, trazemos as analises discursivas das figuras de quadrinhos do personagem Chico Bento.

## 2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O objeto de estudo de Saussure era a língua dos membros das comunidades linguísticas, a língua era estudada como algo homogêneo, pois não se tratava de uma língua real, sendo assim, não considerava questões socioculturais e ideológicas. Para ele a língua é homogênea, enquanto a fala é algo variável, pois a manifestação de fala é individual tornando a fala heterogênea, sendo que a língua só poderia ser estudada dentro de um sistema linguístico.

De acordo com Saussure (1916) a linguagem é formada pela língua e pela fala, possuindo dois lados, o social e o individual (*langue*) e (*parole*), onde os estudos linguísticos focam na língua, pois, segundo ele:

> [...] Ela (a língua) é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem a criar nem a modificar; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila. "A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve". (SAUSSURE, 1916, p. 22)

Em 1950, surgiram as ideias de Noam Chomsky, nas quais eram totalmente contarias a Saussure, pois Chomsky trouxe a ideia gerativista tendo a língua como um sistema abstrato, pois o linguista deveria descrever a competência do falante, para assim poder compreender a estrutura da língua, deixando de lado tais influências externas, abandonando a língua falada na sociedade sem levar em consideração as influencias sociais da língua, apenas considerando a língua como homogênea.

Havia uma distinção entre o conhecimento sobre tais regras da língua falada e como essas regras eram usadas, sendo a competência (*competence)* e o uso, sendo assim a competência era considerada como o objeto de estudo da linguística.

A partir de 1960, surgiram os estudos de Willian Labov que traz uma perspectiva que considera a língua usada na sociedade, ou seja, os fatores sociais da língua em uso. Trazendo a noção de que a língua é heterogênea, sendo objeto de estudo da sociolinguística na variação.

O linguista desenvolveu o estudo intitulado "A estratificação social do /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York". Coletando dados e considerando questões como: a loja, o andar da loja, o sexo, a idade, o cargo, a raça e o sotaque estrangeiro ou regional.

Labov comprovou que quanto maior a posição social, mais marcante era a presença do *r*, sendo o status do indivíduo interfere na forma com que ele fala.

A variação linguística é tida como um fenômeno natural da língua, sendo que a língua está em constante mudança e a variação se adequa a cada uma delas para atender a necessidade dos falantes. Existindo quatro tipos de variações que são elas: sociais, regionais, históricas e estilísticas. Nas comunidades de fala a variação é intitulada de variantes, pois o falante diz a mesma coisa de formas diferentes, porém com o mesmo significado. Bagno 2007 diz que:

> O que acontece é que em toda comunidade linguística do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo.

Tendo em vista que a língua irá mudar com o passar do tempo e sempre apareceram novas gírias e modos de fala e escrita, que iram se diferenciar por níveis fonológicos ou morfossintáticos, sendo que é uma particularidade maior nos falantes. Uma pessoa que mora no interior tem uma linguagem diferente de outra que mora na capital, e isso se diferencia também por sotaques de cada região. Por exemplo, se o falante pronunciar ‘’jerimum’’ ou ‘’abobora’’ em lugares diferentes os falantes que não fazem uso daquela determinada variação não saberão o que é, porém são palavras diferentes com um mesmo significado. Segundo fiorin (2008 p. 122):

> Não importa se uma é mais comum num lugar e menos comum em outro. E também não importa se em algum lugar apenas um dos termos seja usado invariavelmente. O que importa inicialmente, no estudo da variação lingüística é que ambos os vocábulos podem ser usados para fazer referência a um determinado fruto, de uma determinada planta [...].

Com certa frequência lemos algo que nos traz algum tipo de questionamento á respeito da língua portuguesa e por vezes temos dúvidas tais como ‘’ português é muito difícil’’ e até mesmo fazemos algum tipo de julgamento ‘’ as pessoas sem instrução falam errado’’ e essas questões são consideradas por Bagno e trabalhadas em seu livro como mitos a respeito da língua portuguesa. Tendo em vista que muitos indivíduos sabem a língua falada, porém não sabem escrever, sendo que muitos não têm conhecimento na língua escrita, os chamados de analfabetos. Antunes (2007) afirma que:

> A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou

> indisciplinadas. Existem porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e como tais, são condicionados por esses fatores. Antunes (2007, p.104)

A variação pode ocorrer em diferentes níveis linguísticos, tais eles: lexical, fonológico, morfológico, morfossintático. E nos níveis extralinguísticos, como: variações regionais, que são as geográficas, sociais e estilísticas, que ocorrem tanto na fala e na escrita.

A região Nordeste do país possui diversas expressões populares que são bastante conhecidas na região e essas expressões são próprias de cada estado, principalmente no estado de Alagoas, é comum escutarmos tais palavras nas quais estarão listadas na tabela a seguir, estas palavras estão destacadas em negrito, no entanto podem não ser compreendidas em outras regiões, pelo fato de serem variações que envolvem aspectos sociais e regionais ‘’ afinal, a língua falada é a língua como foi aprendida pelo falante em seu convívio com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida’’ Bagno (1999 p.71).[1]

Tabela 1- Significado das variações de expressões próprias de cada estado

| | |
|---|---|
| **Abestaiado –** bobo, tolo | **Vôte/Oxe –** espanto/surpresa; |
| **Abusado –** impaciente, irritado | **Zuada** – barulho. |
| **Amostrada –** metida | **Mangar** – rir de alguém |
| **Aperreio –** agonia, pressa, desespero | **Macaxeira** – aipim |
| **Arenga –** discussão tola | **Maloqueiro** – vagabundo |
| **Iapois –** Com certeza (afirmação) | **Migué** – mentira |
| **Inhaca –** mau cheiro | **Morgado** – desanimado |
| **Invocado –** pessoa irritada, com raiva | **Mundiça** – pessoa sem educação |

**Fonte**: https://portokaete.com.br/2021/08/22/dicionario-alagoanes/

Contudo, consideramos que em todas as falas ocorrem variações, pois a variação linguística é um fenômeno natural e também uma condição do sistema linguístico. Sendo que as variações podem ser percebidas quando são comparadas com outras gerações, gírias e expressões que foram utilizadas por avós não são conhecidas hoje. É o caso da palavra *ariado* que quer dizer perdido, não sabe para onde ir, essa expressão pode não ser mais compreendida por conta das mudanças. ‘’ A lingüística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse cientifico e a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores’’ [2] (Mollica & Braga, 2008, p.16).

[1] https://portokaete.com.br/2021/08/22/dicionario-alagoanes/

[2] Ariado: desorientado, não sabe para que lado ir, não sabe o que fazer.

Dessa forma, existem pessoas que fazem uso total das variações, muitas vezes por não ter acesso à educação, por morarem em zonas rurais e terem o seu próprio vocabulário na qual é intitulado de *caipira*, sendo que é apenas uma maneira diferente de falar, como no caso das palavras *bassoura* e *vassoura.* Desse modo a comunicação entre ambos é entendida, sabe-se que o falante está se referindo a determinado objeto que é usado para varrer. Contudo á pessoas que consideram o modo de falar engraçado, pois a construção linguística do falante pode ser diferente da realidade em que ouvinte esteja.

## 2.1 Variação diacrônica

A variação diacrônica foi mencionada por Saussure em 1916, na qual é a que pertence à natureza dos fatos linguísticos. Por exemplo, quando comparamos as gerações e as expressões utilizadas, como no caso dos pronomes Vós e Vosso, que não são mais usados, pois o falante costuma dizer *vocês*, porém se fosse fazer uso dos demais seria *vós fostes, vós ireis,* no uso atual falamos e escrevemos *vocês foram, vocês iriam.* Ressaltando que são apenas mudanças que ocorreram ao longo dos anos e que a mudança é algo natural da língua.

### 2.1.2 Variação diatópica

A variação diatópica ou regional, que existe em diferentes regiões, podendo ser observada no próprio país, pois todos falam a mesma língua de diferentes maneiras, levando em conta sotaques, como por exemplo: falantes do estado de São Paulo falam *tchia*, ressaltando que a escrita não é a mesma, e sim a pronúncia e são esses sotaques e modos de falar que reconhecemos de qual o estado o falante pertence, por exemplo ‘’ Paulistanos tendem a pronunciar tal *r* como uma vibrante simples, um ‘’flap’’ como costumam dizer os foneticistas, enquanto os cariocas são conhecidos por aspirar o mesmo *r* ’’ (Fiorin 2008, p. 122)

### 2.1.3 Variação diastrática

As variações diastráticas são decorrentes de linguajares sociais e culturais, níveis de escolaridade e local onde mora, zona rural ou urbana. Como as gírias de diferentes grupos

sociais, por exemplo: que roupa *irada* X que roupa *bonita*. São características frequentes de jovens skatistas, as palavras tem alterações fonéticas e morfológicas. O rotacismo também se faz presente quando trocamos *l* por *r* Flamengo e Framengo que são falas populares.

### 2.1.4 Variação diamésica

A variação diamésica existe na fala e na escrita, isto é, esse tipo de variação abrange os gêneros textuais, a gente formula o que vai falar para que a nossa fala tenha sentido para o ouvinte, e quando escrevemos pensamos para formular fases que tenham sentido tanto para o escritor, quanto para o leitor. Tendo a fala como algo espontâneo e a escrita como algo não espontâneo.

### 2.1.5 Variação diafásica

Encontramos este tipo de variação no contexto social em que o indivíduo está inserido, levando em consideração o mesmo sexo, mesma região, mesma idade e profissão. Isto é, o grau de formalidade necessário para cada ambiente, seja formal ou informal, o comportamento verbal do indivíduo é dito pela sua posição social, dependendo do contexto social atual. Por exemplo, na fala formal é dito: O *senhor* precisa de ajuda, na fala informal o mais utilizado seria: *Você, tu*. Utilizamos bastante essa variação quando estamos usando o aplicativo de mensagem WhatsApp, se falarmos com um amigo vamos utilizar uma linguagem informal, mas quando digitamos para o chef ou para outra pessoa que necessite de formalidades, utilizamos a linguagem formal.

## 2.2 A comunidade de Fala

A variação chega a cada indivíduo de modo diferente, as falas se distinguem de acordo com a comunidade na qual o indivíduo se encontra, ou seja, são as atitudes linguísticas geograficamente marcadas como, por exemplo, Paulistas e Cariocas, tem sotaques parecidos, porém suas atitudes são diferentes. Portanto reconhecemos a língua falada, pois alguns falantes costumam falar no plural *''as coisa''* ao invés de falar *''as coisas''*.

> Em PB, podemos usar as variantes ‘’beijo’’ e ‘’bejo’’, ‘’cheiro’’ e ‘’chero’’, ‘’queixo’’ e ‘’quexo’’, ‘’treino’’ e ‘’treno’’, mas não podemos fazer variações entre ‘’jeito’’ e ‘’jeto’’, ‘’peito’’ e ‘’peto’’. As variações individuais no momento da fala parecem então estar limitadas por regras sistemáticas que caracterizam o português. Fiorin (2008, p. 138).

Segundo Labov (1972), “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real”. Pois para o mesmo a comunidade de fala é homogênea, tendo em vista que as *atitudes* são compartilhadas naquele grupo.

## 2.3 A representação do caipira

Há inúmeras representações de personagens caipiras, tais eles: *O caipira picando fumo*, que é um quadro de Almeida Júnior, produzido em 1893, O *Jeca Tatu* personagem de Monteiro Lobato, pertencente à obra *Urupês*, de 1918, *O Jeca Tatu* personagem do filme homônimo (1959) do autor Amácio Mazzaropi, O *Menino da porteira*, na voz de Sérgio Reis, originalmente uma letra de 1955, *Chico Bento*, o personagem de histórias em quadrinhos de Maurício de Souza, de 1963, O *Nerso da Capitinga*, vivido pelo humorista Pedro Bismarck desde a década de 1990.

Todos eles são exemplos de representações do caipira que obtiveram sucesso, a fala artística destes personagens são ‘’desprestigiadas’’, ‘’erradas’’. Porém é valido ressaltar que a representação condiz com a realidade, pois as pessoas que são considederadas caipiras pela sociedade, elas possuem seu proprio vocabulario de acordo com a região em que vivem.

A forma estigmatizada que recebem, cria todo um imaginário pejorativo no público que acompanha as novelas, filmes, leem os livros, gibis e etc. A imagem passada é de pessoas que levam uma vida simples, são analfabetas e que não possuem muitas oportunidades. Mas na realidade é que são comunidades de fala que possuem variações diferentes e que acabam julgando tais palavras e expressões como erradas.

Em 1920 Amadeu Amaral publicou a obra *O dialeto caipira* qualificando a representação do *caipira* e o próprio dialeto como uma fala que tem diferentes aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos, pelo fato de ter uma característica que é bastante presente que é o *r* caipira.

Figura 1: A representação do caipira

**Fonte**: *Imagens google* (2022).

[3]Diante da imagem que representa o *caipira* na mídia e no imaginário social, há todo um traço pensado pelo autor de como ele quer que o público conheça esse personagem. Tendo em vista que esta é uma obra realista intitulada *O caipira picando fumo*, que é um personageem típico do sertão.

No poema de Oswald de Andrade, intitulado *vicio de fala*, onde trás o vício de fala que também é característico do falar caipira, que tem a flexibilização de fala no português, pois a língua não é uniforme.

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.
(Oswald Andrade).

O poema trás duas interpretações impotantes, a primeira é o sujeito na qual se adequa ao vocabulário correto de acordo com a ortográfia quando corrige as palavras em que o *lh* nas palavras milho, *mio*, melhor, *mió*, telha, *teia*, telhado, *teiado*, fazendo referência à variação linguística e mostrando outra forma de falar de acordo com a variante padrão. A segunda interpretação é que entende-se que o poema trás uma crítica as pessoas que comentem esse vicio de fala, na qual o falante se modifica de acordo com seu contexto social.

[3] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_caipira, acessado em: 09 novembro 2022.

## 3. PRECONCEITO LINGUISTICO

O preconceito linguístico parte da sociedade que considera muito o ‘’certo’’ e ‘’errado’’, é uma coisa frequente e diária na sociedade, pois acreditasse que as pessoas têm que seguir as regras estabelecidas, as que se encaixam no padrão da linguística e aos que fogem desse padrão são considerados como ‘’errados’. São esses pré-julgamentos a respeito da linguagem das pessoas que impõe que a LP é seguida apenas pelas gramáticas estudadas nas escolas.[4]

A existência do preconceito linguístico afeta todos os falantes e as comunidades de fala e também:

> [...] é prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor a sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, sua origem, geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização (BAGNO, 2007, p.27).

À luz de Bagno (1999), ‘’o preconceito linguístico está ligado á confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa’’. Afirmando que gramática não é a língua, pois ela descreve apenas parte dela, a norma padrão. Em seu livro, Marcos Bagno entra em defesa da língua viva, ou seja, da língua falada pelos brasileiros que é uma língua verdadeira e cheia de variações. Bagno diz que:

> [...] são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referencial – por isso podemos chamá-los de sem-língua. BAGNO (2007)

Para explicar como ocorre esse tipo de preconceito, e ver que há um distanciamento entre falantes padrão, os que fazem o bom uso da língua portuguesa e os falantes variáveis, que são os que utilizam as variedades linguísticas para se comunicarem, para Bagno. Pois muitos falantes julgam sem ter o conhecimento do que é de fato, apenas por ‘’achar’’ que está errado.

> As pessoas que dizem Craudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens

[4] Preconceito linguístico: Qualquer crença sem fundamento cientifico acerca das línguas e de seus usuários, como por exemplo, a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, verbete preconceito).

> culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada ‘’feia’’, ‘’pobre’’, ‘’carente’’, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. (Bagno, 1999, p.41)

Neste contexto, é possível notar que além de preconceito linguístico, há também um preconceito social contra as pessoas, e é necessário ressaltar que deve existir respeito, pois cada falante tem seu contexto social e linguístico e independente de classe social, nível de escolaridade ou faixa etária, todos tem que ser respeitados de forma igual.

O preconceito muitas vezes, parte das pessoas que tem um grau de escolaridade maior, que tem mais oportunidades de estudar e que usam as normas de maior prestigio. E em diversos momentos podemos perceber as ocorrências do preconceito linguístico, Bagno (2004) afirma que “a mídia poderia ser um elemento precioso no combate ao preconceito linguístico, mas infelizmente, ela é hoje o maior propagador deste preconceito”. Pois é bastante comum vermos programas de humor onde os personagens fazem uso das variações e o público rir, mas também é importante notar que a representação vai além da língua, quando colocam o personagem representando o empregado, as falas do mesmo sempre serão inferiores a o dos demais, sempre há um estereótipo criado especificamente para aquele determinado personagem.

## 4. **A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUISTICO NAS TIRINHAS DO CHICO BENTO**

A construção de imagem do personagem das histórias em quadrinhos de Maurício Souza, Chico Bento é visto como um menino caipira que tem uma forma de falar variável, ou seja, foge completamente do padrão da norma culta e se adequa a variação linguística, pois a linguagem utilizada por ele é a rural referente às variações diastráticas e diatópicas (regionais e culturais).

O personagem pertence a uma classe social de menos prestígio e desse modo consequentemente é julgado pelas classes de maior prestígio, que são aquelas que possuem um gral de escolaridade maior. E nisso Bagno nos traz a noção do que é preconceito linguístico, justamente por que esse tipo de preconceito é recorrente da variação linguística.

O problema não está na arte das tirinhas, nem na forma com que foram escritas, não é para serem tratadas como forma de ‘’humor’’ por estarem escritas de uma forma considerada

‘’errada’’. É importante ressaltar que os falantes devem seguir as regras impostas pela LP na língua escrita. Porém, no cotidiano os falantes não precisam seguir as regras na fala, pois na oralidade o falante vai seguir de acordo com o ambiente que está inserido.

Segundo Bagno (2011) ‘’todo personagem de origem nordestina é sem exceção, uma criatura, um tipo grotesco, rustico, atrasado, criado para provocar riso, o escárnio e o deboche dos personagens e do espectador’’.

A escolha de analisar as tirinhas de Chico Bento veio com o intuito de mostrar que as pessoas tem uma noção errada sobre elas, e como essas tirinhas são de fácil circulação e fazem parte da cultura, pois é algo passado entre as gerações e as pessoas tem contato desde criança com essas tirinhas. As falas de Chico Bento estão adequadas à variação social e cultural, pelo fato de serem reconhecidas como as de menos prestigio na sociedade.

Nas tirinhas a seguir será apresentada a linguagem caipira como uma das variações da língua portuguesa, optando por tirinhas retiradas da *internet*, onde é um dos meios mais fáceis de acesso e circulação, tendo em vista que são de rápido acesso.

Tirinha 1- Variação da língua portuguesa, linguagem caipira

(Chico Bento – Tirinha de Maurício de Sousa, 1998)

**Fonte**: Imagens *Google* (2022).[5]

A tirinha representa Chico e sua professora, numa sala de aula, observa-se que a professora corrige a fala de Chico Bento quando o mesmo falou ‘’ Quar são minhas nota?’’. A professora logo o corrigiu e falou da forma considerada correta ‘’ Quais são minhas notas ‘’ logo em seguida mandou Chico ir estudar português, pois quer o mesmo ‘’fino’’ no

[5] Disponível em: https://www.estudavest.com.br/questoes/?id=147113. Acesso em: 08 julho 2022.

português, querendo dizer que ele tem que estudar e falar o português considerado ‘’correto’’ e sem variações.

Porém nessa situação explicita na tirinha, a forma correta que a docente devia fazer era ensinar seu aluno, explicar o que é variação linguística, mostrar as diferentes variações e esclarecer que ele não está falando errado, pois a fala é própia de cada individuo. Levando em conta a possibilidade que a professora também não tinha conhecimento acerca da variação linguística e levar em conta apenas a gramática normativa e que o correto é seguir só a norma padrão.

Bagno diz que o falante nativo sabe da língua, porém alguns não conhecem as irregularidades e as regras dessa língua.

> O professor pode mandar o aluno copiar quinhentas mil vezes a frase: ‘Assisti ao filme’. Quando esse mesmo aluno puser o pé fora da sala de aula, ele vai dizer ao colega: ‘Ainda não assisti ao filme do Zorro!’ Porque a gramática brasileira não sente a necessidade daquela preposição a que era exigida na norma clássica literária, cem anos atrás, e que ainda está em vigor no português falado em Portugal, a dez mil quilômetros daqui! É um esforço árduo e inútil, um verdadeiro trabalho de Sísifo, tentar impor uma regra que não encontra justificativa na gramática intuitiva do falante. (Bagno, 1999, p.52)[6]

O autor explica o caso da regência verbal, na qual a professora impõe que o aluno ‘’estude’’ as normas gramaticais da língua portuguesa, a LP não é difícil, aliás, nenhuma língua é difícil para seus nativos.

Nas palavras de Bagno:

> Por isso tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja. E não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma... (BAGNO, 1999).

A maneira como é imposto o que é certo e errado, é preocupante, pois a variação e o preconceito linguístico são assuntos que deveriam ser abordados a partir do ensino fundamental, as aulas deveriam ser amplas, porém é notável que o que realmente ocorre são as inúmeras aulas e restrições acerca da gramatica.

[6] Sísifo: uma expressão popular originada a partir da mitologia grega, remetendo a todo tipo de trabalho ou situação que é interminável e inútil.

Tirinha 2 – Variação da palavra “você”

**Fonte:** *Google* imagens (2022).[7]

Nota-se o preconceito linguístico por parte do primo do Chico Bento, a reação dele quando Chico fala ‘’Ocê’’ ao invés de ‘’você’’. O primo de Chico considera a linguagem dele como errada, porém o mesmo compreendeu que ‘’Ocê’’ significa ‘’você’’. Portanto não havia necessidade de ele corrigi-lo, pois existe uma compreensão na comunicação de ambos. E nessa perspectiva de uma visão preconceituosa a respeito da língua é notório que há também preconceito social, pelo falo de Chico ser do interior e não ter um conhecimento acerca das normas da língua portuguesa.

Quando corrigido, Chico fala ‘’Craro’’ que é recorrente da transformação de *L* em *R*, podendo também ocorrer em outras palavras como ‘’ pranta, broco, praca’’

Em seu livro, Bagno (1998) diz no mito n° 4 que as pessoas sem instrução falam errado, isto é, qualquer variação que se distancie das gramaticas que são ensinadas nas escolas e que são propostas nos dicionários, são consideradas erradas e que pessoas que utilizam são consequentes de ‘’ atraso mental ‘’, enfatizando o fato de que o preconceito linguístico é recorrente do preconceito social. ‘’ Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada’’. (Bagno, 2007, p.56) [8]

[7] Disponível em: https://periodicos.ifrr.edu.br/index.php/norte_cientifico/article/view/217/109. Acessado em: 08 julho 2022

[8] BAGNO (1998 p. 56)

Tirinha 3- Diálogo entre Chico Bento e seu pai utilizando linguagem informal

**Fonte**: imagens *Google* (2022)[9]

Nesta presente tirinha é notório que as falas de Chico e seu pai são completamente variáveis rurais, observa-se a variação diatópica nas seguintes palavras “num”, “pr'eu”, “drumi”, “pru”, “fio”, “drumindo”, “sabe”, ‘’dos fins’’, são falas utilizadas no interior do país, que são consideradas como um falar do povo da ‘’roça’’. O problema não é como falam, mas se trata de quem fala. ‘’ Fica evidente que o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões’’. (Bagno, 2013, p.59).

[9] Disponível em: https://www.tudosaladeaula.com/2021/07/atividade-portugues-variacao-linguistica- Acessado em: 01outubro2022.

Tirinha 4- Diálogo entre chico e rosinha utilizando linguagem informal

**Fonte**: imagens *Google* (2022)[10]

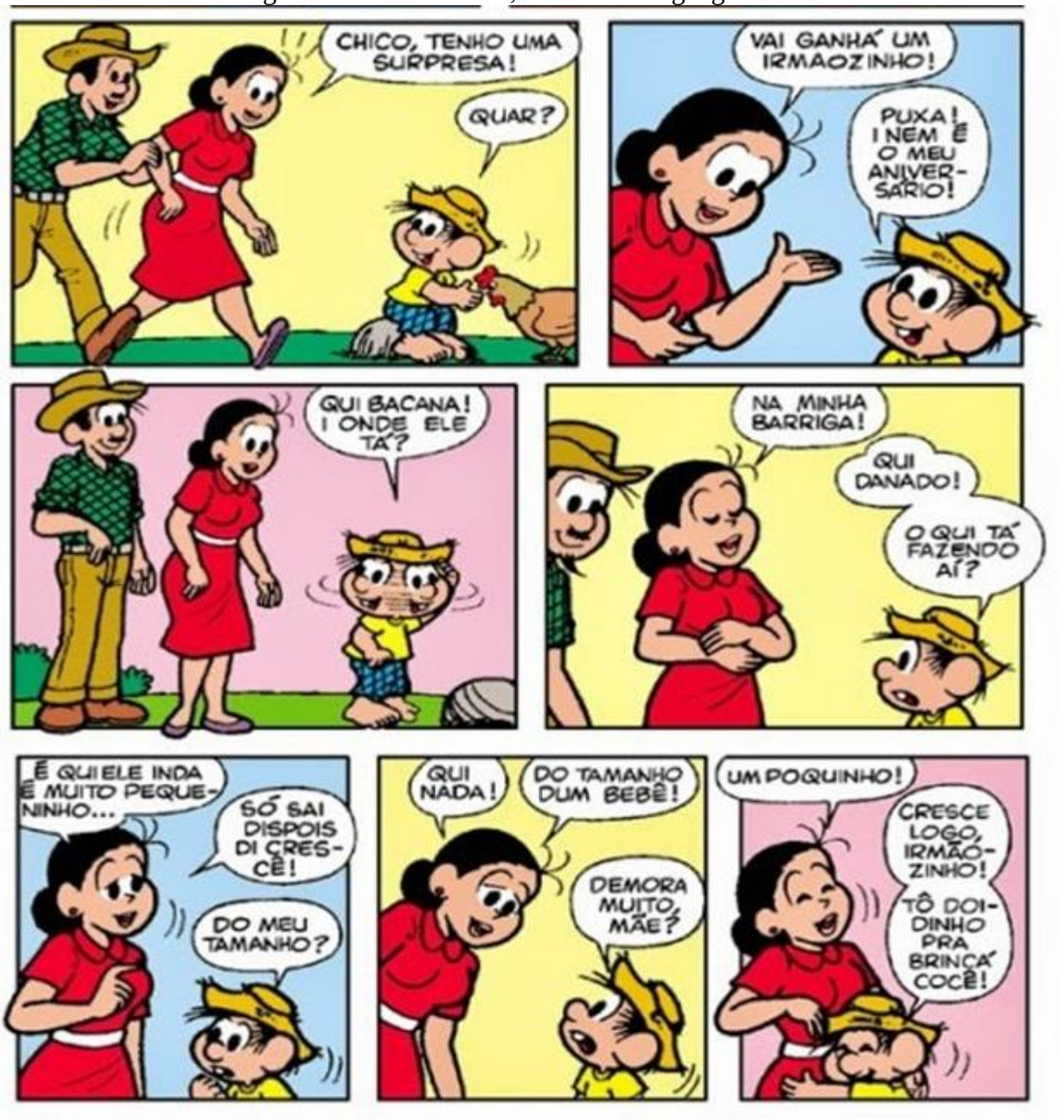
Na tirinha de fala entre Chico Bento e Rosinha, observamos a troca das letras *l* por *r*, na palavra flor. Segundo Bagno (2007, p 56.) ‘’ Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de *l* em *r* é tremendamente estigmatizada e às vezes considerada até como um sinal do ‘’atraso mental’’ dos falantes ignorantes do português. ‘’

Tendo em vista que essa troca de consoantes se trata de um fenômeno fonético, chamado de *rotacismo,* e é algo bastante comum nas falas do Chico Bento, por ele ser do interior estigmatizado como um caipira que não tem conhecimento acerca da linguagem padrão. Desde então o diálogo entre eles é totalmente variável, observamos as palavras *procê, pru, qui, ocê, si, otra.* Do ponto de vista gramatical tais palavras estão corretas se forem escritas ou pronunciadas deste modo: ‘’para você’’, ‘’por quê’’, ‘’você’’, ‘’que’’, ‘’se’’, outra’’. De modo que a forma como está descrita na tirinha a cima está representando o nível fonético e fonológico entre vogais e consoantes, tratando-se assim de uma variação no léxico, considerando o contexto histórico em que está escrito. [11]

[10] Disponível em: https://www.tecconcursos.com.br/questoes/780426. Acessado em: 05outubro 2022.

[11] Estigmatizado: adjetivo [figurado] Qualificado de modo negativo; rotulado.

Tirinha 5- Diálogo entre chico e a mãe, utilizando linguagem informal




**Fonte**: imagens *Google* (2022)[12]

A apresentação do diálogo entre Chico Bento e sua mãe, nos remete a troca das consoantes *l* e *r,* e a variação da palavra ‘’quais’’ na qual está escrita *quar*, o personagem sempre faz essa troca, sempre que ocorrem temos que lembrar que parte de uma questão social desse *português desprestigiado*. Que segundo Bagno (2007, p.59) O problema não está *naquilo* que se fala, mas em quem fala o quê.

O material empírico que serviu para ser analisado foram os quadrinhos de Chico Bento, de Mauricio de Souza.

[12] Disponível em: https://www.tropadercy.com.br/2019/07/chico-bento-uma-estrelinha-chamada.html, acessado em: 05outubro 2022.

As histórias em quadrinhos são usadas em sala de aula, muitas vezes consideradas como textos divertidos para entreterem os alunos, ou também em análises sobre a fala dos personagens. Os presentes quadrinhos escolhidos foram justamente para compor e saciar os objetivos dessa pesquisa, além de serem muito usadas e comuns, algumas pessoas não tem uma noção do que é a linguagem que está presente. Porém acreditamos que os produtores destes, tem a noção formada do que são essas variações e que estão passando para atraírem mais leitores para os próprios conteúdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados, tivemos a oportunidade de observar e analisar para assim compreender a variação linguística e o preconceito linguístico. De modo que todos os estudos são necessários para enriquecer nossos conhecimentos, principalmente á cerca da língua portuguesa.

Ao realizarmos as analises nas tirinhas de Chico Bento, foi possível perceber os fatores que contribuem para ocasionar a variação linguística na língua portuguesa, em especifico no português brasileiro. Levando em conta que existem pessoas que utilizam as variantes da mesma forma que Chico Bento, e por diversas vezes tais pessoas são julgadas e consideradas pessoas que falam ‘’errado’’. E isso acontece pelo fato de que muitos não têm um conhecimento amplo acerca do que é a variação linguística e torna o preconceito linguístico algo comum na sociedade. Tendo em vista a necessidade do estudo a cerca do assunto, pois o estudo gera o conhecimento necessário para que os indíviduos compreendam ao invés de ter uma noção contrária.

Dessa forma se faz muito necessário o estudo das variações, as pesquisas acerca das mesmas, pois acreditasse muito que quem fala bem são as pessoas que fazem o bom uso das regras gramaticais, quem segue cada regra estabelecida pela gramática normativa.

O trabalho contribui para a discursão do preconceito linguístico reforçando a ideia de que não existe erro diante da variação, não é uma forma errada de falar, é apenas uma das variações que não conhecemos pelo fato de estarmos em regiões diferentes, diferentes comunidades de fala e situações sociais.

O importante é que nas escolas, os docentes ensinem seus alunos que não existe uma única forma de falar ou se expressar, e que também não existe um erro na diferentes pronuncias, de diferentes falantes, pois no ambiente escolar somos ensinados a falar e escrever bem, de acordo com a gramática normativa. Porém da mesma forma que aprendemos as normas grámaticais, devemos aprender as diversas variações da nossa língua, pois sabemos que a língua não é algo uninforme.

Constando que o preconceito linguístico passa a ser um preconceito social, pois determinado falante da norma culta, sempre vai querer criticar o *caipira*, por ter um status social alto. Sendo então que deste modo que devemos deixar explicito que as variantes linguísticas não são um erro.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:** o que é? Como se faz? 49. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do Português brasileiro** – São Paulo: Parábola editorial, 2013.

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística**: O Tratamento da Variação / Maria Cecilia Mollica, Maria Luiza Braga (orgs.) . – 3. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, Luiz. **Introdução à Linguística**/ José Luiz Fiorin (org.) 5. Ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de Linguística geral**/ Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Secheye; com a colaboração de Albert Riedinglnger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. –27 Ed. – São Paulo: Cultri, 2006.